

PRECONCEITO AOS MENINOS NA PRÁTICA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Heverton Tonani Antunes

batatatonani@hotmail.com

Bruna Barros dos Reis

barros.bruna@bol.com.br

Graduados em Educação Física pelo Unileste-MG

Flávia Costa P. e Santos

Mestre em Educação Física pela UCB

Docente do Curso de Educação Física do Unileste-MG

br.flavia@gmail.com

RESUMO

Esse estudo do tipo descritivo objetivou identificar e analisar a presença do preconceito por parte dos pais e responsáveis por meninos em idade escolar em relação à prática da Ginástica Artística por crianças do sexo masculino. Esta pesquisa tem a importância no esclarecimento que poderá gerar aos profissionais de Educação Física sobre a presença ou não de preconceitos contra os meninos na prática da Ginástica Artística, fazendo-os refletir sobre as melhores maneiras de minimizar esses problemas. Participaram da mesma 130 crianças voluntárias do sexo masculino, não praticantes de Ginástica Artística, com idades de seis a nove anos escolhidas aleatoriamente em duas Escolas Estaduais do município de Ipatinga-MG, que levaram para suas residências um questionário elaborado pelos investigadores, para que seus pais ou responsáveis legais o respondessem, buscando atender ao objetivo proposto. Concluiu-se que os mesmos incentivam seus filhos a praticar esportes por fazer bem para a saúde, além de proporcionar lazer, disciplina e espírito competitivo, mas de um modo geral não interferem na escolha deles quanto à modalidade esportiva a ser praticada, não havendo sido constatado predomínio de preconceito declarado em relação à prática dessa modalidade por crianças do sexo masculino.

Palavras-chave: Preconceito; Discriminação; Gênero; Sexo; Ginástica Artística; Prática esportiva; Interferência dos pais ou responsáveis.

ABSTRACT

That study of the descriptive type aimed at to identify and to analyze the presence of the prejudice on the part of the parents and responsible for boys in school age in relation to the practice of the Artistic Gymnastics for male children. This research has the importance in the explanation that can generate the professionals of Physical education on the presence or not of prejudices against the boys in practice of the Artistic Gymnastics, making them to contemplate on the best ways of minimizing those problems. They participated in the same 130 voluntary children male, no apprentices of Artistic Gymnastics, with ages from six to nine years chosen randomly in two State Schools of the municipal district of Ipatinga-MG, that took for their

residences a questionnaire elaborated by the investigators, so that their parents or legal responsible he answered, looking for to assist to the proposed objective. It was ended that the same ones motivate their children to practice sports for doing well for the health, besides providing leisure, it disciplines and competitive spirit, but in general they don't interfere in his/her choice as for the sporting modality to be practiced, not having been verified prejudice prevalence in relation to the practice of that modality for male children.

Key-Word: Prejudice; Discrimination; Gender; Sex; Artistic gymnastics; Sporting practice; The parents' interference or responsible.

INTRODUÇÃO

“Desde o aparecimento da humanidade a dança tem sido utilizada para vários fins servindo como elemento de comunicação e afirmação e dando – lhe possibilidade de viver plenamente, através de seu próprio corpo, os símbolos de seus inconscientes, liberando diretamente suas emoções reprimidas por tabus culturais” (D'AQUINO et al, 2005).

Deste período temos diferentes visões de homem, de acordo com Gonçalves (1994) apud Lara (1998), que trouxe também uma nova visão de dança. Assim, somente no século XX é que o balé torna-se acessível ao povo e as danças populares passam a ser elitizadas. Talvez pela exigência de certa sensibilidade ou pela malha colada no corpo, o preconceito contra os homens que ingressam nessa arte é cada vez maior. Empiricamente observa-se o mesmo na Ginástica Artística. Mas o preconceito aos homens nem sempre foi dessa forma, no início da história do balé, cerca de 500 anos atrás, os homens faziam os papéis femininos e masculinos, não havendo, assim, a necessidade de bailarinas.

De acordo com Mendes (1985) apud Lara (1998), o declínio da importância do dançarino talvez se devesse ou se explicasse pela época do Romantismo, que enaltecia a mulher, acabando por considerar a leveza e a graciosidade que o uso da ponta conferia à dança feminina como atributos que confirmavam o caráter também feminino da dança.

Na Ginástica Artística as provas femininas conservam estas características num padrão estético europeu, mas as provas masculinas nem tanto. Exigem dos ginastas força física em movimentos extenuantes que as mulheres muitas vezes não conseguem realizar. Mas a imagem que prevalece é a da ginástica feminina, associada à dança.

Barbanti (1994) conceitua preconceito como atitude aprendida ou sentimento que predispõem ou inclinam um indivíduo a atuar, pensar, perceber e sentir de um modo que é coerente com um juízo favorável ou (mais freqüentemente desfavorável) sobre outra pessoa ou objeto. É uma recusa (ou reação) em considerar as qualidades próprias de uma pessoa, reagindo a ela de acordo com as qualidades, que correta ou ironicamente se atribui pro seu grupo social como o preconceito racial e o preconceito de classes, etc. Rodrigues (1981) afirma que as pessoas têm seus atos determinados por traços e características que lhes são inerentes; são reconhecidos nelas intenções, desejos, emoções, pensamentos e vários estados internos que percebemos em nós mesmos, ou seja, ao perceber outra pessoa se tem tendência a formar uma série de impressões interligadas e correntes acerca da pessoa percebida, parte nas primeiras impressões que ela nos causa e parte nas

expectativas que nossos esquemas nos fornecem, daí pode vir o preconceito, que de acordo com Knijnk (2006) é a principal causa de estresse emocional entre atletas de futebol feminino. Fico (sd) complementa que uma conclusão pré-fixada resulta em repúdio sem ao menos ter a mínima noção do que se trata. É bom ressaltar que preconceito e discriminação não são sinônimos já que esta seria diferenciar, distinguir, tratar de modo diferente, com segregação (FERREIRA, 1999).

Pacome (2000) fala do preconceito das pessoas quanto à Ginástica Artística impedir o crescimento das crianças, o que pode ser o motivo também dos pais evitarem a matrícula dos meninos nesta modalidade, com medo de que fiquem de baixa estatura, complementa também que o esporte não faz crescer nem muda as características genéticas de ninguém. Arrali (2006) trabalhando com crianças de quatro a doze anos destacam que a ginástica na infância vai além do condicionamento físico. “Esse esporte trabalha de forma profunda a motricidade, que é fundamental para o desenvolvimento da criança”. Simões et al (1999) enfatiza que o problema não é o conjunto de valores que os pais possuem sobre as práticas esportivas, mas as influências ou “pressões” que eles podem exercer, em níveis sócio-afetivos e emocionais, em relação ao sucesso e/ou fracasso das crianças. Os pais são indivíduos que se ocupam de compreender as práticas esportivas de uma maneira que tudo ocorre dentro de um certo quadro de referências de limites estabelecidos por eles como sujeitos de conhecimento.

Através das representações sociais interpretamos o real, na maioria das vezes o que é compartilhado coletivamente é mais bem aceito do que aquilo comprovado cientificamente ou estatisticamente. Essas crenças influenciam as aspirações do indivíduo e o envolvimento com metas estabelecidas, o nível de motivação, a perseverança face às dificuldades, a resiliência às adversidades, relacionando-se com a qualidade de pensamento analítico, a atribuição causal para sucesso e fracasso e a vulnerabilidade para o estresse e depressão (BANDURA & PASTORELLI, 1996 apud MEDEIROS, 2000); um exemplo disso foi quando surgiu a AIDS, diante da perplexidade e dificuldade em entendê-la, uma das formas encontrada pelo senso comum para dar conta de sua ameaça, foi nomeá-la como uma “peste”, mais especificamente “a peste gay” ou o “câncer gay”, assim representado, embora classificada de forma equivocada e preconceituosa, a nova doença parece menos ameaçadora, pois já havia sido categorizada pelo senso comum como uma peste e só aconteceria aos “gays” (WERBA et al, 2002). Segundo Strey (2002) sexo não é gênero, ser fêmea não significa ser uma mulher e ser macho não significa ser um homem, enquanto as diferenças sexuais são físicas, as diferenças de gênero são socialmente construídas, o gênero depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher, ou seja, cada cultura possui uma percepção diferente de macho e fêmea e são esses conceitos construídos socialmente que podem gerar preconceitos.

A escolha sexual de um ser humano já foi considerada uma questão exclusivamente de herança genética, nas décadas de 60 e 70, mas atualmente acredita-se que o ambiente no qual o indivíduo está inserido, as influências dos pais, da escola, também podem interferir nesta escolha (CARVALHO NETO, 2003). Jaques et al (2002) coloca que a identidade se configura, ao mesmo tempo, como determinante, pois o indivíduo tem um papel ativo quer na construção deste contexto a partir de sua inserção, quer na sua apropriação. O Jornal Sertãozinho (2006) traz o depoimento de um menino participante de aulas da modalidade: “Faço Ginástica Artística e adoro” afirmando a presença do preconceito com origem na

movimentação coreográfica da ginástica de solo, que se assemelha à dança. Menezes (2004) assegura que o número de alunos do sexo masculino nas principais escolas públicas de dança de balé do país não alcança a metade da quantidade de alunas, devido ao preconceito. Os próprios praticantes já se defendem ao declararem que praticam a modalidade. Mas esquecem do vigor físico que todas as provas exigem, tornando um esporte tão masculino quanto feminino, ou seja, a identidade é apreendida através das representações de si em resposta à pergunta 'quem és', e esses garotos necessitam "justificar" para si mesmo que não exerce uma "prática homossexual" e por isso não o são, pois caso contrário eles poderiam introjetar essa idéia e entrar em conflito se é ou não homossexual pelo esporte que pratica.

De acordo com a teoria dos papéis sociais, explanada por Berger (1998), a sociedade é que determina o que fazemos como também o que somos. A sociedade interfere moldando o comportamento dos indivíduos em comportamentos desejáveis. Todo papel social é aquilo que se espera que seja em determinado lugar, pois cada situação lhe apresenta expectativa específica e exige dele resposta a essas expectativas. O indivíduo se localiza na sociedade, dentro de sistemas de controle social e cada um desses sistemas contém um dispositivo de geração de identidade. O pré-julgamento afeta não só o destino externo da vítima nas mãos dos opressores, como no caso do menino praticante de Ginástica Artística, que recebe o rótulo de gay, mas também na própria consciência, na medida em que ela é moldada pelas expectativas da sociedade e leva esse menino a se perguntar: Será que sou gay só por praticar Ginástica Artística? O autor complementa que a dignidade humana é uma questão de permissão social, o que se representa no exemplo citado quando o menino desiste do referido esporte.

Considerando os aspectos abordados, este estudo tem a finalidade de identificar e analisar a presença de preconceito por parte dos responsáveis em relação à prática da Ginástica Artística por crianças do sexo masculino, possuindo a importância no esclarecimento que poderá gerar aos profissionais de Educação Física sobre a presença ou não de preconceitos contra os meninos na prática da Ginástica Artística, fazendo-os refletir sobre as melhores maneiras de minimizar esses problemas.

MÉTODO

Do ponto de vista de sua natureza, este estudo pode ser classificado como em pesquisa descritiva e aplicada uma vez que tem como objetivo identificar e analisar a presença do preconceito por parte dos responsáveis em relação à prática da Ginástica Artística por crianças do sexo masculino. Para Rampazzo (2002), a pesquisa descritiva busca conhecer as várias situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica dentre outros aspectos comportamentais do ser humano, tanto em indivíduos isolados quanto grupos e comunidades mais complexas. Este trabalho foi desenvolvido em três fases. Na primeira de cunho exploratório com intuito de fundamentar tecnicamente sobre o assunto, tornando-o problema mais claro, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o preconceito na prática de Ginástica Artística. Na segunda fase, foi desenvolvido um instrumento (questionário) para a coleta de dados na pesquisa de campo. Na elaboração de tal questionário se procura adequar às perguntas para alcançar os objetivos visados. Na terceira fase, foi realizada a pesquisa de campo, de cunho qualitativo onde foram

entrevistados. Foram entrevistados 130 pais de crianças do sexo masculino, a seleção da amostra foi aleatória, numa população de 300 crianças não praticantes de Ginástica Artística matriculadas em duas escolas estaduais do município de Ipatinga-MG. As crianças tinham idades entre 6 e 9 anos, por se tratar da faixa etária mais freqüente de adesão à prática desta modalidade esportiva. Dos respondentes 70% eram do sexo feminino. Do total de entrevistados 9,2% eram solteiros, 79,2% casados, 7% divorciados e 4,6% possui outro tipo de estado civil. As crianças apresentaram idade média de $7,5 \pm 1,3$ anos. Para uma melhor caracterização da amostra, apresenta-se a distribuição de idades dos entrevistados e das crianças nas Tabelas 1 e 2, respectivamente.

Tabela 1 - Distribuição dos valores absolutos e percentuais obtidos no que diz respeito às idades das crianças não praticantes de Ginástica Artística cujos pais responderam ao questionário.

	6 ANOS	7 ANOS	8 ANOS	9ANOS	TOTAL
Nº de indivíduos	27	36	41	26	130
% em relação ao total	20,8	27,7	31,5	20,0	100

Tabela 2: – Distribuição dos valores percentuais obtidos no que diz respeito às idades dos

Pais \ Crianças	6 ANOS	7 ANOS	8 ANOS	9 ANOS	TOTAL
20 a 30 anos	48%	24%	17%	12%	25%
31 a 40 anos	41%	35%	43%	60%	44%
41 a 50 anos	7%	35%	33%	28%	26%
Acima de 51 anos	4%	6%	7%	0%	5%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%

respondentes (responsáveis pelas crianças não praticantes de Ginástica Artística).

4 respondentes não informaram os dados sobre sua idade, num universo da amostra de 130 pessoas.

Os investigadores distribuíram um questionário a cada criança, pedindo que o levasse para casa para que seus responsáveis respondessem e trouxesse preenchido no dia seguinte. Os dados coletados foram tratados através de estatística descritiva com o uso de cálculo de freqüência relativa.

É importante ressaltar que foi consentida uma autorização institucional para a realização da pesquisa desenvolvida e os pais das crianças participaram voluntariamente após assinarem a um termo de consentimento livre e esclarecido. Os mesmos tiveram suas identidades preservadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Incentivo dos pais

Os dados obtidos junto aos respondentes em relação ao incentivo de seus filhos a realizarem atividades físicas são apresentados na TABELA 3.

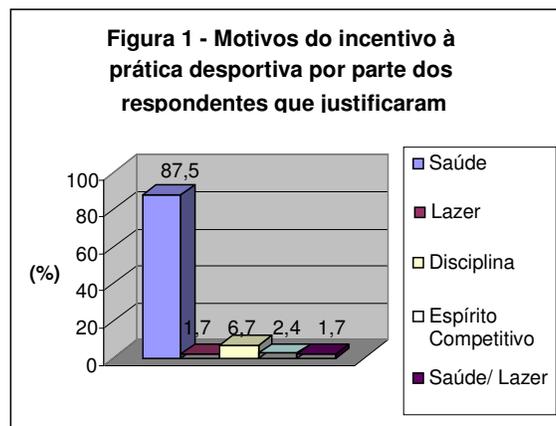
Tabela 3: – Distribuição dos valores percentuais obtidos através das opiniões dos respondentes no que diz respeito à “Ao incentivo na realização de atividades físicas de seus filhos”.

Respostas \ Crianças	6 ANOS	7 ANOS	8 ANOS	9 ANOS	TOTAL
Sim	96%	100%	93%	96%	96%
Não	4%	0%	7%	4%	4%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%

Na tentativa de situar as opiniões dos respondentes, os resultados explicitam o incentivo maciço dos pais quanto à realização de atividades físicas de seus filhos.

O incentivo dos familiares é fundamental, não havendo dúvidas de que um dos papéis essenciais do pai e da mãe seja o de incentivar as crianças no sentido de participarem do esporte e, assim, oferecer a elas a mais estreita cooperação, e de tal modo acelerar a sua prontidão esportiva e sua maturidade (SIMÕES et al, 1999). O papel dos pais é determinante durante a evolução que os filhos terão durante sua prática desportiva, sendo no início a função mais importante de favorecer a participação esportiva de seus filhos (BECKER JR, 2000 apud MENONCIN JR, 2003).

Os dados apresentados na Figura 1 referem-se à questão do questionário representada na tabela 3, pois abaixo de cada questão de múltipla escolha os responsáveis poderiam justificar por extenso sua resposta, procurando esclarecer da melhor maneira possível o seu motivo pelo incentivo à prática desportiva de seus filhos.



Analisando as justificativas dessa questão contidas na Figura 1, pode-se observar que os responsáveis ressaltam o fato da atividade física contribuir para a saúde de seus filhos, podendo prevenir doenças contribuindo na coordenação motora. Mantém a auto-estima elevada e o corpo em boa forma melhorando assim a qualidade de vida. Koslowsky (2004) afirma que o termo qualidade de vida, leva em consideração a satisfação elevada com a vida, sendo que isso depende de fatores como a dimensão emocional e principalmente a dimensão física. Quanto à dimensão física o autor coloca que pessoas praticantes de atividades físicas regulares apresentam duas vezes menos riscos de desenvolver alguma doença coronária ou problemas musculares como estiramento e dores, quanto à emocional reforça a auto-estima do indivíduo, relacionando com uma melhor imagem corporal. Uma sensação de estar vivendo um estilo de vida saudável resulta em uma maior autonomia física e uma funcionalidade motriz satisfatória.

O sucesso da interferência da família em atividades físicas com os filhos está diretamente relacionado ao tempo disponível pelos pais, bem como a importância à prática de atividades físicas, onde motivação (da família), conhecimento das necessidades dos filhos e apoio dos membros da família são fundamentais. A interação entre alguns fatores permitirá que se estabeleça um comportamento satisfatório quanto à atividade física e à possibilidade de proporcionar um estilo de vida ativo para seus filhos (SALLIS, 1994 apud FIGUEIRA JUNIOR; FERREIRA, 2000).

Alguns pais declaram que a atividade física ensina a se ter disciplina escolar e faz com que aconteça a interação com as outras pessoas, fazendo assim novas amizades, propiciando o lazer e diversão. O equilíbrio entre estudo e esporte deve existir para o bom funcionamento de ambos, não interpretando o esporte apenas como lazer e uma alternativa que os pais têm muitas vezes de punir o filho com o afastamento dos treinamentos ou competições devido ao baixo rendimento escolar ou ao mau comportamento (MENONCIN JR, 2003).

Outros respondentes justificaram seu incentivo pelo fato da atividade física proporcionar espírito competitivo aos seus filhos. A história dos jogos e o fascínio de competir do qual obriga a uma especialização precoce em busca de uma ascensão social, conduzindo a diferentes tipos de interesses dos adultos em relação à participação esportiva das crianças (SIMÕES et al, 1999).

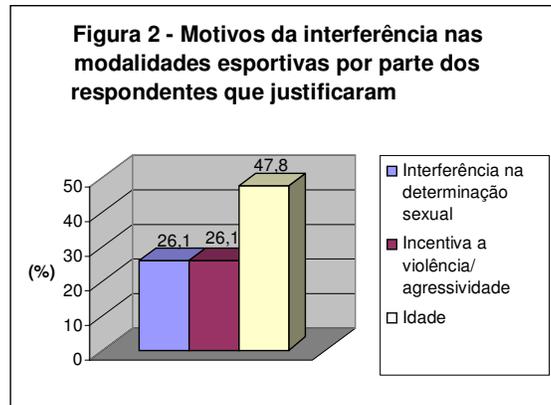
Balaguer (1994) apud Lykawka (2004) comenta que, no âmbito da atividade física no esporte, a motivação é o produto de um conjunto de variáveis sociais, ambientais e individuais que determina a eleição de uma atividade física ou esportiva. A intensidade da prática dessa atividade é o que influenciará o rendimento. Samulski (1995) apud Menoncin Jr (2003) caracteriza a motivação como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, (o qual depende da interação de fatores pessoais intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). Na Tabela 4 está demonstrado o resultado da pesquisa quanto à interferência dos pais na escolha das modalidades esportivas a serem praticadas por seus filhos.

Tabela 4: – Distribuição dos valores percentuais obtidos através das opiniões dos respondentes no que diz respeito a “A interferência dos pais na escolha das modalidades esportivas a serem praticadas por seu(s) filho(s)”.

Respostas \ Crianças	6 ANOS	7 ANOS	8 ANOS	9 ANOS	TOTAL
Sim	44%	33%	24%	23%	31%
Não	56%	67%	76%	77%	69%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%

Pode-se verificar através da Tabela 4 que a maioria dos responsáveis pelas crianças não interfere na escolha da modalidade a ser praticada por seu filho.

Em relação às justificativas dos respondentes dessa questão, pode-se denotar que os mesmos não interferem nas escolhas dessas modalidades pelo fato de quererem que seus filhos sintam-se bem com a atividade esportiva que escolher e fazê-la com prazer. Outros declaram que a criança tendo uma vontade e direito de escolha própria, pode apresentar um melhor rendimento naquele esporte desejado, procurando fazer o melhor para sua saúde desde que não o prejudique fisicamente. Eles têm que gostar do que fazem, pois cada pessoa tem gosto, necessidades diferentes, só podendo realizar algo com dedicação e perfeição se tiver o dom.



Os dados dispostos na Figura 2 foram analisados através da pergunta apresentada na Tabela 4, como justificativa textual de sua resposta, procurando esclarecer da melhor maneira possível o seu motivo da interferência nas escolhas das modalidades esportivas de seus filhos.

Dentre os que justificaram 47,8% afirmam que há esportes impróprios para garotos de 6 a 9 anos, além do fato desses meninos serem novos e por isso os pais se dizem no direito de interferir em suas escolhas. Dos outros 52,2% ficaram divididos entre os que declararam que algumas atividades esportivas interferem na determinação sexual de seus filhos e os que acreditam que há esportes violentos que incentivam a agressividade. Este preconceito apresenta-se ainda presente e declarado nos dias de hoje, como constatado neste estudo, mas em proporções. Questiona-se então se os respondentes tenham se absterido de expressar seus sentimentos, mantendo um preconceito velado difícil de ser constatado em pesquisas ou se realmente os dados expressam a realidade.

Estudo realizado por Mota et al (2006) em um grupo de 23 responsáveis de crianças encontraram resultados semelhantes aos apresentados na Tabela 4 e Figura 2, confirmando a tendência dos responsáveis incentivarem seus filhos a praticar esporte, mas sem interferência na escolha de modalidade. Verificou-se que os pais, em sua grande maioria, não interferem na escolha do esporte do filho e que geralmente a criança e/ou adolescente gosta daquela atividade e por isso resolve praticá-la de forma regular. Em outros casos, com uma pequena diferença, ela ingressa no esporte através do pai, porque este acredita no benefício do esporte para a qualidade de vida do filho. A falta de tempo é uma possível conciliação do horário de trabalho dos pais com os horários livres do filho não foram justificativas apontadas pelos pais como relevantes para o ingresso do filho no esporte, e nem mesmo, qualquer problema físico e/ou psíquico. A influência pela prática esportiva familiar, no entanto, é relevante, pois na maioria dos casos, grande parte dos familiares pratica alguma atividade física regularmente, o que, de certa forma, cria um hábito ou costume da criança a presença do esporte no seu dia-a-dia.

Para outros determinados esportes são perigosos, incentivando a violência e agressividade da criança, podendo correr o risco do mesmo perder a motivação pelo esporte. No âmbito esportivo há necessidade de diferenciar os tipos de agressividade, pois pode ocorrer a agressividade no sentido de combatividade, positiva e sublime, como resultado da lealdade a um valor, a um nome, à Pátria, a um clube a uma equipe; como também, pode ocorrer a agressividade prejudicial, que viola as regras sociais e desportivas, podendo se encaminhar para a agressão e à violência (HOKINO; CASAL, 2001).

Esporte e influência na determinação sexual

A história do esporte é marcada por uma grande distinção entre as atividades físicas que poderiam ser praticadas por homens e por mulheres (SOUZA; KNIJNIK, 2003). A educação escolar favorece os agrupamentos por sexo, reforçando-os através de atitudes, palavras e/ou rituais que vão incutindo nas crianças a idéia de separação de meninos e meninas (PEREIRA, S. A; MOURÃO, 2005). Freitas (2002) considerando que o futebol no Brasil é um fenômeno social e que a sexualidade é um elemento inerente a todo ser humano coloca que tudo se passa, tanto para a mídia quanto para o senso comum ou para o meio acadêmico, como se os atores deste universo social fossem absolutamente assexuados. Apreende-se o Futebol não enquanto esporte (apenas), mas como um dos pilares organizadores das relações sociais, um codificador de condutas masculinas e instaurador de pautas de conversação, traçando regras de sociabilidade e fidelidade entre homens. Silveira et al (2005) em uma pesquisa sobre gênero, através do futebol presenciou a alegria e preconceito. Um momento de alegria para os meninos e de exclusão para as meninas, as quais compuseram o lado “cara” da moeda, pois mesmo em um processo preconceituoso buscaram se inserir e participar da atividade. Os resultados obtidos para verificar a opinião dos respondentes sobre a possibilidade da prática de um determinado esporte influenciar na determinação sexual de seu filho estão apresentados na Tabela 5.

Tabela 5: – Distribuição dos valores percentuais obtidos através das opiniões dos respondentes quanto “A possibilidade da prática de um determinado esporte influenciar na determinação sexual de seu filho”.

Respostas \ Crianças	6 ANOS	7 ANOS	8 ANOS	9 ANOS	TOTAL
Sim	22%	6%	20%	8%	14%
Não	78%	94%	80%	92%	86%
TOTAL	27	36	41	26	100%

Os resultados demonstram que a maior parte dos (86%) respondentes não acredita na possibilidade da prática de um determinado esporte influenciar na determinação sexual dos filhos.

Como justificativa da não possibilidade da prática de um determinado esporte influenciar na determinação sexual da criança foi exposto por várias pessoas que a sexualidade é definida ainda na gestação, porque sexo é determinação genética, impossível de ser transformado pelas mãos dos homens. Outros respondentes não acreditam que um esporte mude o jeito de alguém pensar, sendo que o esporte e sexualidade são coisas que caminham separados, do qual o esporte é apenas uma atividade física saudável, o que existe é preconceito.

Dentre os 14% que acreditam na influencia da prática de um determinado esporte na determinação sexual, alguns afirmam que algumas coisas na vida foram criadas para homens e outras coisas para mulheres e se todo mundo respeitasse as regras e princípios o mundo seria melhor do qual cada um deve escolher o esporte certo para seu sexo. Alguns esportes são apropriados para mulheres e quando os homens o fazem se tornam vulneráveis ao homossexualismo, além de algumas modalidades exigirem movimentos mais delicados. Outros colocam que não é no esporte que está a influência, mas talvez no comportamento de alguns colegas, e se a criança não for madura e ainda não souber o que quer, as influencias podem comprometer seu futuro. Capitano (2004) afirma que para entender a condição

feminina no esporte contemporâneo, o que se apresenta inversamente no caso dos meninos que praticam ginástica artística, é importante compreender a ideologia determinantemente masculina, e que, é sob essa ideologia, também, que as vidas das pessoas, as sociedades, as formas de pensar têm sido construídas e articuladas entre si, assim como o contexto histórico, social e psicológico que a atleta está inserida e que, inevitavelmente, trará consigo uma bagagem cultural quer tenha consciência ou não. Para Dunning e Maguire (2002) apud Boschilia, B; Meurer (2006) construiu-se no mundo ocidental a imagem e uma forma masculina de "herói, do competidor, do conquistador". Esta imagem e forma que se fundamentou e sustentou um longo prazo o papel feito pelo homem de "sustentáculo da família". Entretanto, com o "processo civilizador" e de auto-restrição das violências, o homem dentro da sociedade contemporânea pautada, sobretudo, nas relações de mercado, encontra-se raras oportunidades de conhecer o 'heroísmo', a não ser durante seus passatempos, de forma geral, relacionados a algum tipo de atividade esportiva. Isso evidencia o esporte como um campo privilegiado para os estudos sociais acerca da constituição das "identidades sociais, dos *habitus* ou maneiras de ser".

O esporte tende a proporcionar uma importante fonte de experiência e conhecimentos da validação da masculinidade a ser incluída como um obstáculo contra a feminidade e a emasculação (DUNNING e MAGUIRE, 2002 apud BOSCHILIA; MEURER, 2006).

Ao perguntar aos respondentes se consideram algum esporte e/ou atividade físicas não adequadas para meninos, percebemos que alguns pais não deixariam a prática de dança e/ou Ginástica Artística fazer parte da rotina diária de seus filhos por questões religiosas ou costumes de família, sendo que na opinião delas a "Ginástica Artística foi feita para mulheres, pois a população olha os homens que praticam com outros olhos e criticam muito", outra pessoa declara que "não tenho preconceito contra algum tipo de esporte, mas a sociedade sim". A identificação das atividades inadequada para meninos na opinião dos respondentes está demonstrada na Tabela 6.

Tabela 6: – Distribuição de valores percentuais obtidos através de opiniões dos respondentes em "esporte(s) e/ou atividade(s) física(s) que não é (são) adequada para meninos".

Respostas \ Crianças	6 ANOS	7 ANOS	8 ANOS	9 ANOS	TOTAL
Basquetebol / Futebol / Judô / Natação	0%	0%	0%	0%	0%
Dança	7%	3%	12%	4%	7%
Dança / Ginástica Artística	15%	16%	10%	8%	12,3%
Dança / Karatê	0%	0%	0%	4%	0,8%
Dança / Ginástica Artística / Karatê	0%	0%	2%	0%	0,8%
Dança / Ginástica Artística / Handebol	4%	3%	0%	0%	1,5%
Dança / Ginástica Artística / Karatê / Voleibol	0%	3%	0%	0%	0,8%
Dança / Ginástica Artística / Handebol / Karatê / Voleibol / Tênis	0%	0%	2%	0%	0,8%
Todos os esportes acima podem ser praticados por meninos	74%	75%	74%	84%	76%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%

Os dados obtidos demonstram que todos os esportes podem ser praticados por meninos, ou seja, a maioria dos responsáveis além de incentivarem, como observados na Tabela 3, pensam que todos os esportes podem ser praticados por seus filhos, um respondente declara que “o proibido é proibir, todos são bons esportes”. Pode-se afirmar que os pais, na sua maioria, não visualizam a existência de ‘esportes para meninos’ e ‘esportes para meninas’ – 76% das respostas que todos os esportes citados na Tabela 6 podem ser praticados por meninos.

Dos 24% respondentes que consideram que há esportes inadequados para homens, se observa que a maior porcentagem – 12,3% – foi para dança e Ginástica Artística. Se somar este percentil às demais opções que abrangem a Ginástica Artística como um dos esportes discriminados dentre outras modalidades, se tem 3,9% adicionais, totalizando 16,2% dos responsáveis apresentando-se contra a prática da ginástica artística por meninos, valor próximo dos 11,5 % apresentados na Figura 2 que interfere na escolha das modalidades esportivas por parte de seus filhos por acreditar que essas podem interferir na sua determinação de gênero. Analisando estes dados podemos constatar que apenas 4,7% dos pais rejeita a prática da ginástica artística por homens devido motivos diferentes da determinação de gênero.

Como justificativa os respondentes declaram que acredita que a dança e a Ginástica Artística são esportes mais femininos, por exigirem movimentos suaves, outros não consideram dança como esporte e que “o estilo rebolado hoje presente na dança discrimina o dançarino”, além do que a dança leva o ser humano à sensualidade. Dizem que não deixaria seu filho praticar Ginástica Artística por causa das roupas coladas no corpo que incita desejo sexual das pessoas e é também um esporte frágil. Um respondente relata que “Dança e Ginástica Artística é de homossexual”, outro coloca que “dança é muito afeminado”. Declaram também que a dança mexe muito com os quadris e não é bom para meninos, sendo que procura educar seus filhos incentivando-os a práticas masculinas e não permitiria atividades como dança e Ginástica Artística como evitaria também corte costura, atividade salão de beleza, entre outros.

Homossexual no esporte

Na Tabela 7, está demonstrada a reação dos respondentes diante da informação que seu filho está treinando algum determinado esporte na presença de uma pessoa homossexual.

Tabela 7: – Distribuição dos valores percentuais obtidos através das opiniões dos respondentes no que diz respeito “da presença de um atleta homossexual treinando junto com seu filho”.

Respostas \ Crianças	6 ANOS	7 ANOS	8 ANOS	9 ANOS	TOTAL
Esclareceria ao meu filho que há diferenças e que devemos respeitá-las	90%	86%	98%	85%	90%
Impediria meu filho de freqüentar aquela aula de esporte	7%	0%	0%	0%	1,5%
Procuraria os pais do atleta para alertá-los	3%	0%	0%	0%	0,8%
Outra atitude	0%	14%	2%	15%	7,6%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%

Visualizando a tabela 7, se pode constatar que 90% dos pais ao saberem que seu filho treina na presença de um homossexual teriam a atitude de esclarecer ao seu filho que há diferenças e que se deve respeitá-las.

Tabela 8: – Distribuição dos valores percentuais obtidos através das opiniões dos respondentes no que diz respeito “Ao tipo de sentimento que os pais teriam quando soubesse da presença de um homossexual treinando junto com seu filho”.

Respostas	Crianças	6 ANOS	7 ANOS	8 ANOS	9 ANOS	TOTAL
Preocupação		34%	19%	15%	8%	18,4%
Raiva		0%	0%	0%	0%	0%
Gratidão por oferecer a seu filho oportunidade de refletir sobre as diferenças entre as pessoas e necessidades de respeitá-las		55%	50%	53%	65%	55,4%
Vontade de pedir aos pais da criança homossexual para retirá-lo da escola de esportes (mesmo que não o fizesse)		0%	0%	0%	0%	0%
Indiferença (nenhum sentimento)		4%	19%	27%	15%	17,7%
Outro		7%	11%	5%	12%	8,5%
TOTAL		100%	100%	100%	100%	100%

A literatura se contrapõe aos resultados encontrados neste estudo, pois se acredita que o baixo índice de preconceito constatado nesse estudo se contradiz às dificuldades de aceitação dos homossexuais pela sociedade relatadas na literatura devido à possibilidade de existência de preconceito não declarado. Rosa (2004) declara que há uma padronização da masculinidade que configura um tipo ideal de homem, colocando os homossexuais fora desse padrão. Outro fato é de que as mulheres aceitam mais facilmente os homossexuais do que os homens, essa realidade é freqüente e existe na nossa sociedade, contudo deve-se ter o cuidado para não generalizar, pois as mulheres também influenciam e educam os homens para serem “os verdadeiros homens”. Alguns respondentes afirmam que aconselharia seu filho e explicaria que o caráter e a determinação é que manda, sendo que gostaria que ele respeitasse. Outros orientariam sobre os limites das amizades e o risco de desvios de conduta, pois a criança não tem uma formação com a convicção de um adulto, além do que a escola deve informar aos pais dos outros alunos sobre a criança homossexual, já que se tentaria descobrir se este atleta não estaria tentando influenciar seus filhos.

Mesmo sendo a minoria, alguns pais comportam-se conforme o exposto. De acordo com um respondente “existe um ditado popular: Quem se mistura muito com porco, farelo come. Criou Deus, homem para ser homem e mulher para ser mulher”. Nallim (2005) afirma que o preconceito social é evidente e agressivo, do qual não se vê o homossexual como qualquer ser humano e sim como uma aberração sendo seus atos considerados abomináveis e eles vistos como seres doentes que deveriam receber tratamento designando os atos homossexuais como transgressores que necessitariam de punição legal e dissuasão social.

Ao questionar aos respondentes qual tipo de sentimento -sentimento principal- que teria se ficasse sabendo da presença de um homossexual treinando junto com seu filho, 55,4% respondeu que sentiria gratidão por oferecer a seu filho

oportunidade de refletir sobre as diferenças entre as pessoas e necessidades de respeitá-las, como se pode observar na Tabela 8.

Dentre as opções oferecidas nenhum dos responsáveis respondeu raiva ou vontade de pedir aos pais da criança homossexual para retirá-la da escola de esporte. Os que responderam compaixão declaram que é triste ver essa situação, porque se tem que ser aquilo que a Bíblia diz para ser, outro respondente complementa que tenta educar seu filho para viver num mundo de diferenças e que se tem que respeitar, mas deixa claro quanto à aprovação de Deus. A preocupação foi justificada porque homossexual é uma coisa que não vem de Deus. De acordo com Rosa (2004) a igreja utilizando passagens bíblicas, prega a abominação das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo e defende a relação sexual heterossexual. Outro respondente veria nesta situação oportunidade para crescimento, sendo que as diferenças existem e temos é que respeitar, mas não concordar.

O sentimento de indiferença é devido ao fato de não terem preconceito e preocupações pela influência que seu filho poderia sofrer. Outra pessoa diz sentir pena, porque os homossexuais sofrem muito preconceito no Brasil e no mundo, e a maioria sofre muito. Rosa (2004) afirma que a sociedade não está preparada para compreender conceitos ligados à homossexualidade, isto se deve principalmente pelos valores moralistas e cristãos que regulam a sexualidade e a homossexualidade, desde o período medieval, sendo que a igreja mantinha o poder sobre as pessoas, julgando-as como perversas, pois seus atos eram contra as leis divinas, por isso eram levadas à fogueira pela prática sexual com o mesmo sexo.

A Ginástica Artística na opinião dos respondentes

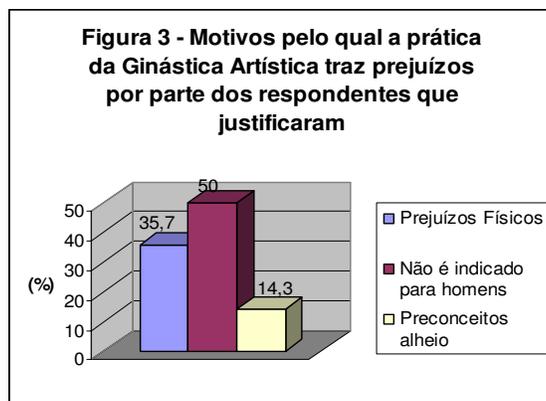
Os respondentes no questionário revelaram sua opinião sobre a possibilidade da prática da Ginástica Artística trazer prejuízos para o desenvolvimento de seus filhos. Os resultados estão demonstrados na TABELA 9.

Tabela 9: – Distribuição dos valores percentuais obtidos através das opiniões dos respondentes no que diz respeito à “Prática da Ginástica Artística trazer prejuízos para o desenvolvimento de seu filho”.

Respostas	Crianças	6 ANOS	7 ANOS	8 ANOS	9 ANOS	TOTAL
Sim		22%	11%	15%	12%	14,6%
Não		78%	89%	85%	88%	85,4%
TOTAL		100%	100%	100%	100%	100%

Verifica-se que 85,4% dos respondentes não acreditam que a prática dessa modalidade esportiva possa trazer prejuízos para o desenvolvimento do seu filho.

Exercícios físicos são importantes para melhora da aptidão física, motora, desempenho, além de aperfeiçoar o crescimento e estimular a participação futura em programas de atividade física. A atividade física previne os fatores de risco para doenças cardiovasculares em crianças e adolescentes devido à interação inversa que existe entre gordura corporal, lipídeos séricos e pressão arterial. A competição desportiva oferece benefícios no que diz respeito à educação e a socialização, já que proporciona experiências de atividade em equipe, colocando a criança frente a situações de vitória e derrota (JUZWIAK et al, 2000; MATSUDO, 2003; LAZZOLI, 2002 apud VIEBIG et al, 2006).



Os dados apresentados na Figura 3 foram analisados através da pergunta apresentada na Tabela 9 como justificativa textual de sua resposta, procurando esclarecer da melhor maneira possível o seu motivo pelo qual a prática da Ginástica Artística traz prejuízos físicos para o desenvolvimento de seus filhos.

Dentre os 14,6% que acreditam nos prejuízos, 73,7% justificaram sua opinião. Desses 35,7% afirma a possibilidade dessa modalidade trazer prejuízos físicos para seus filhos, além de contribuir pouco para habilidade de raciocínio, pode atrapalhar o crescimento, apesar de saber que há vários alongamentos ocorre alto impacto, e com o aumento da carga horária no nível da equipe há um desgaste, principalmente nos joelhos. Guedes (1997) apud Paiva (2001) observou que a atividade física em excesso pode prejudicar o crescimento do comprimento dos ossos, através do fechamento prematuro das epífises ósseas. Esportes que requerem grandes esforços são indesejáveis durante o período de imaturidade óssea, pois poderá afetar o crescimento ósseo, do qual uma simples força de origem agressiva poderá deslocar as partes em crescimento da cartilagem epifisária (RASCH & BURKE, 1987 apud PAIVA, 2001). Mas estas teorias só se aplicam a esportes de alto nível com excessivas horas diárias de treinamento, o que não é a situação apresentada pelos pesquisadores aos responsáveis, que se referem a prática do esporte em nível de iniciação.

Os 50% que justificaram que não é esporte adequado para homem, afirma que a prática dessa modalidade causa a diminuição da masculinidade, além da roupa colada ao corpo e as atividades desenvolvidas serem de cunho mais feminino, podendo influenciar em sua personalidade. Para esses respondentes há movimentos da Ginástica Artística que são femininos e que jamais incentivariam os filhos a fazer movimentos de mulher. E 14,3% dos respondentes afirmam que por causa do preconceito alheio, ele seria muito desrespeitado pelos colegas e traria muitas conseqüências.

Ao perguntar aos respondentes se eles permitiriam matricular seu filho em uma escolinha de Ginástica Artística, gratuitamente, caso tivesse oportunidade, 82,3% matricularia contra 17,7% como se pode observar na Tabela 10.

Tabela 10: – Distribuição dos valores percentuais obtidos através das opiniões dos respondentes no que diz respeito “Se permitiria matricular seu filho em uma escolinha de Ginástica Artística, gratuitamente, caso tivesse oportunidade”

Respostas \ Crianças	6 ANOS	7 ANOS	8 ANOS	9 ANOS	TOTAL
Sim	81%	78%	81%	92%	82,3%
Não	19%	22%	19%	8%	17,7%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%

Os respondentes que permitiriam declaram que deixariam seu filho homem praticar Ginástica Artística se isso fosse do interesse do filho, porque toda criança deve fazer esporte, sendo este esporte bonito, criativo adquirindo responsabilidade, disciplina, ajuda na postura, alongamento, coordenação motora, além de ser bom para seu desenvolvimento físico e psicológico. Também ocuparia o tempo livre com uma atividade de lazer mais saudável, evitando o tempo das brincadeiras nas ruas, do qual seria uma oportunidade para novos conhecimentos.

Dentre os 17,7% que não permitiriam justificam que seu filho não quer fazer esse tipo de esporte, mas se eles estivessem de acordo, não teria problema para ele, alguns preferem esportes mais competitivos para forçar a pensar. Outros não acham que o esporte seja adequado para o sexo masculino.

Pode-se perceber que não há diferença aparente entre a frequência de respostas dos responsáveis pelas crianças de seis, sete, oito e nove anos, em todas as questões, podendo a amostra ser considerada bem distribuída e homogênea.

CONCLUSÃO

De modo geral, verificou-se a tendência dos responsáveis incentivarem a prática esportiva dos filhos, entendendo principalmente que as mesmas fazem bem para a saúde, além de proporcionar lazer, disciplina e espírito competitivo. Apesar de incentivarem, a maioria dos responsáveis não interfere nas escolhas dos filhos tendo em vista que a chance de sucesso é maior quando a escolha do esporte parte do próprio filho.

A maior parte dos responsáveis não acredita que a prática de um determinado esporte possa influenciar na determinação sexual de seu filho, sendo considerados todos os esportes como adequados para meninos.

Conclui-se que, para o grupo entrevistado não há predomínio de preconceito em relação à prática da Ginástica Artística por crianças do sexo masculino. Este preconceito apresenta-se ainda presente e declarado nos dias de hoje, mas em pequenas proporções. Questiona-se então se os respondentes tenham se absterido de expressar seus sentimentos, mantendo um preconceito velado difícil de ser constatado em pesquisas ou se realmente os dados expressam a realidade.

As limitações desse estudo refletem-se na falta de controle das variáveis nível sócio-econômico e nível de escolaridade dos respondentes, pois estas podem alterar o esclarecimento das pessoas sobre as questões de gênero, podendo interferir nos resultados.

REFERÊNCIAS

- ARALLI, Maria. A ginástica sem rótulos. **Bom Dia Rio Preto**. São Paulo. 2006
- Disponível em:
<http://www.bomdiariopreto.com.br/index.asp?jbd=1&id=59&mat=43900> Acesso em: 5 nov. 2006
- BARBANTI, Valdir J. **Dicionário de Educação Física e do esporte**. São Paulo: Manole, 1994. 306p.
- BERGER, Peter L. **Perspectiva sociológicas: uma visão humanística**. Petrópolis: Rumo, 1998. 202p.
- BOSCHILIA, Bruno; MEURER, Sidmar. Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa. **Revista Digital EFDeportes**. Ano 11 n 97. Buenos Aires. Jun. 2006 Disponível em:
<http://www.efdeportes.com/efd97/mulher.htm> Acesso em: 01 mai. 2007
- CAPITANIO, Ana Maria. Contexto social esportivo: fonte de stress para a mulher?. **Revista Digital EFDeportes**. Ano 10 n 78. Buenos Aires. Nov. 2004 Disponível em:
<http://www.efdeportes.com/efd78/mulher.htm> Acesso em: 01 mai. 2007
- CARVALHO NETO, Marcus B.O projeto genoma humano e os perigos do determinismo reducionista biológico na explicação do comportamento: uma análise behaviorista radical. **Revista brasileira terapia comportamental cognitiva**. vol.5 no.1 São Paulo. Junho 2003 Disponível em: http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452003000100006&lng=en&nrm=is Acesso em: 07 nov. 2006
- D' AQUINO, Ricardo; GUIMARÃES, A.C.A; SIMAS, J.P.N. Dança de Salão: Motivos dos indivíduos que procuram esta atividade. **Revista Digital EFDeportes**. Ano 10. Nº.88. Buenos Aires. Setembro 2005. Disponível em:
<http://www.efdeportes.com/efd88/danca.htm>. Acesso em: 06 Abr. 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Aurélio século XXI: **O dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. Rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128p.
- FICO, Gilbert. **Preferência ou Preconceito?**. S.d. Disponível em Internet:
<http://www.picarelli.com.br/opinião/gilbert-fico-260503.htm>. Acesso em: 09 Mai 2006.
- FIGUEIRA JUNIOR, A.J.; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. Papel Multidimensional da Família na Participação dos Filhos em Atividades Físicas: Revisão de Literatura. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. Brasília. Mar. 2000 Disponível em:
http://www.ucb.br/mestradoef/RBCM/8/8%20-%202/completo/c_8_2_4.pdf Acesso em: 02 mai. 2007
- FREITAS, Marcel. Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro. **Revista Digital EFDeportes**. Ano 8 n. 55. Buenos Aires. Dez. 2002 Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd55/paixao.htm> Acesso em:01 mai. 2007

HOKINO, Milton; CASAL, Hiram. A aprendizagem do judô e os níveis de raiva e agressividade. **Revista Digital EFDeportes**. Ano 6. n.31 Buenos Aires. Fev. 2001 Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd31/raiva.htm> Acesso em: 02 mai. 2007

JAQUES, et al. Pesquisa. In: JACQUES, Maria da Graça Correa; STREY, Marlene Neves; BERNARDES, Maria Grazzelli et al. **Psicologia social contemporânea**. 6. ed. Petropolis: Vozes, 2002. 262p.

KNIJNK, Jorge Dorfman. No país do futebol, preconceito ainda impõe barreiras à prática feminina. **USR e notícias**. São Paulo. 5 Nov. 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/agen/repgs/2006/pags/030.htm> Acesso em: 7 de nov. 2006.

KOSLOWSKY, Marcelo. Influências da atividade física no aumento da qualidade de vida. **Revista Digital EFDeportes**. Ano 10 n 69. Buenos Aires. Fev. 2004 Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd69/af.htm> Acesso em: 01 mai. 2007

LARA, Larissa Michelle. Os corpos pedem passagem. **Revista Digital. EF deportes**. Buenos Aires. Ano 3. n.11 Outubro.1998. Disponível: www.efdeportes.com/efd11/danca1.htm. Acesso em: 03 fev.2006.

LYKAWKA, M.G. et al. Motivação no esporte de elite: comparação de categorias do futsal e futebol. **Revista Digital EFDeportes**. Ano10. n.77 - Buenos Aires, Out. 2004 Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd77/motiv.htm> Acesso em: 02 mai. 2007

MEDEIROS, Paula Cristina. Auto-Eficácia e Dificuldade de Aprendizagem. **Psicologia Reflexão Crítica**. Porto Alegre. v.13 n.3. 2000 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000300002&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 10 nov. 2006

MENEZES, Cynara. Meninos que trocam chuteiras por sapatilhas. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 11 abr. 2004. Disponível em: <http://www.gtpos.org.br/index.asp?Fuseaction=Informacoes&Parentid=286#genm23> Acesso em 20 fev. 2007

MENONCIN JR., Wilson Antonio. **Estudos dos fatores que levam os jovens ao abandono do basquetebol competitivo em Curitiba**. 2003. 82 f. Dissertação (mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, UFSC, Florianópolis. Disponível em: <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/8432.pdf> Acesso em: 01 mai. 2007

MOTA, et al. O incentivo paterno à prática esportiva. XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos países de língua portuguesa. **Anais**. N. 779. São Paulo. Set 2006. p.420 Disponível em: http://www.usp.br/eef/xipalops2006/75_Anais_p403.pdf Acesso em 21 mai. 2007

NALLIM, Alexandre. **O Homossexual na sociedade**. 2005 Disponível em: <http://www.brazilcommunity.com/bc2005/colunistaalexandre.htm> Acesso em: 01 mai. 2007

PACOME, Carlos. Tamanho (não) é documento. **ESTADO DE MINAS**. Minas Gerais. 11 Nov. 2000 Disponível em: <http://www.amigosdabola.com.br/artigos/artigos26.html> Acesso em: 05 nov.2006

PAIVA, Maria de Fátima Nunes Duarte Barreto. **Avaliação antropométrica: estudo comparativo do crescimento de crianças praticantes e não praticantes de**

ginástica olímpica. Natal, 2001. 132f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2001. Disponível em: <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/5280.pdf> Acesso em: 02 mai. 2007

PEREIRA, S. A; MOURÃO, Ludmila. **Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos.** Motriz, Rio Claro, v.11 n.3, p.205-210, set./dez. 2005 Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/motriz/article/viewFile/83/63> Acesso em:01 mai. 2007

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica.** São Paulo: Loyola, 2002. 53p.

ROSA, Marcelo Victor. **Educação física e homossexualidade:** investigando as representações sociais dos estudantes do centro de desportos. Dissertação (Mestrado em Educação Física).UFSC. Florianópolis. Mar. 2004 Disponível em: <http://www.cds.ufsc.br/mestrado/TESE%20Marcelo%20Victor%20da%20Rosa%20defendido%20em%2011%20mar%202004.pdf> Acesso:01 mai. 2007

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia Social.** 9º ed. Rio de Janeiro: Vozes,1981

SERTÃOZINHO. Faço Ginástica Olímpica e adoro. **Sertãozinho.** São Paulo. 2006. Disponível em: http://www.sertaozinho.sp.gov.br/jogos/Jornal%20Esportes/atleta_do_Futuro.htm Acesso em: 05 nov. 2006

SILVEIRA, V. T. et al. **Professores (as) de educação física e gênero: algumas considerações.** Paraná. 2005. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/H/Hercules-Silva-Silveira_07_B.pdf Acesso em:01 mai. 2007

SIMÕES, et al. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. **Revista Paulista Educação Física.** São Paulo, 13(1): 34-45, jan./jun. 1999 Disponível em: <http://www.usp.br/eef/rpef/v13n1/v13n1p34.pdf> Acesso em: 05 fev. 2007

SOUZA, Juliana; KNIJNIK, Jorge. Duas semanas de cobertura esportiva da folha de São Paulo analisadas sob a ótica de gênero. **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. BH/MG. 2 a 6 Set 2003 Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4309/1/NP18SOUZA.pdf> Acesso em:01 mai. 2007

STREY, et al. Gênero. In: JACQUES, Maria da Graça Correa; STREY, Marlene Neves; BERNARDES, Maria Grazzelli et al. **Psicologia social contemporânea.** 6. ed. Petropolis: Vozes, 2002. 262p.

VIEBIG, Renata. et al. Ginástica Rítmica na infância e adolescência: características e necessidades nutricionais. **Revista Digital EFDeportes.** Buenos Aires. Mar. 2006 Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd94/gr.htm> Acesso em: 01 mai. 2007

WERBA, et al. Representações sociais. In: JACQUES, Maria da Graca Correa; STREY, Marlene Neves; BERNARDES, Maria Grazzelli et al. **Psicologia social contemporânea.** 6. ed. Petropolis: Vozes, 2002. 262p.